
Por uma Dança Frouxa: um pensar-fazer desconstrucionista em Dança

Sérgio Pereira Andrade*

Recebido em 03 de fevereiro de 2009/ aprovado em 20 de abril de 2009

Reflexão sobre o pensar-fazer desconstrucionista em Dança a partir do fenômeno do “afrouxamento”; para contribuir com o pensamento pós-colonial na Dança. Para tal, analisa-se o projeto de desconstrução de Derrida, dialogando com outros autores que já se debruçaram sobre o tema, articulando assim sua aplicabilidade no campo da Dança. Como recorte observacional, a análise é focada na atuação do Grupo CoMteMpu’s.

Dança; desconstrução; afrouxamento; pós-colonial na Dança

Derrida e a Desconstrução

Jacques Derrida (1930 – 2004) foi um dos principais precursores do movimento pós-estruturalista nascido na França, na década de 60, que reuniu outros pensadores como Bataille, Deleuze, Foucault, entre outros.

O movimento Pós-Estruturalista inaugura com Derrida uma filosofia que, embora atrelada à tradição do pensamento ocidental, propõe a ruptura com esta dependência, principalmente no que concerne à lógica da identidade herdada de Aristóteles. Por meio do princípio batizado como “desconstrução”, Derrida deu início a uma inovadora investigação sobre a natureza da tradição metafísica ocidental. Esta tradição fundamentava seu argumento em três leis: A lei da Identidade, a da Contradição e a do Excluído.

A lei da Identidade considerava que aquilo que é simplesmente é. A lei da Contradição definia que nada pode ser e não ser ao mesmo tempo. E finalmente a lei do Excluído admitia que tudo

*Sérgio Pereira Andrade é dançarino, coreógrafo, performer e diretor do Grupo CoMteMpu’s, Licenciado em Dança pela Escola de Dança/UFBA, onde atualmente é Professor Substituto. É mestrando do PPGAC/UFBA, bolsista CNPq, onde desenvolve sua pesquisa sobre Dança e desconstrução.

deve ser ou então não ser. É óbvio que essas leis não podem admitir que haja fenômenos característicos da complexidade, a autopresença e a diferença, por exemplo.

Esses três princípios foram capazes de sustentar o positivismo e o espírito da modernidade. Influenciaram a conformação de todo um sistema de conceitos polarizados como ideal/real, espiritual/material, corpo/mente, oral/escrito, bom/mau, dentre tantos outros. Mas o movimento Pós-Estruturalista já não se contentava em pensar as transformações do mundo e das sociedades em bases tão dicotômicas. Afinal “ser ou não ser” já não era uma questão, pois os fenômenos já se apresentavam podendo ser e não ser ao mesmo tempo.

Os pós-estruturalistas buscaram compreender os novos tempos e as leis que os governam, abrindo caminhos para outros parâmetros e paradigmas que por sua vez foram apontando para o que viria a ser um pensamento pós-moderno.

As investigações de Jacques Derrida revelaram que a tradição era cheia de paradoxos. Derrida acreditava que era necessário desmontar a tradição ocidental para poder compreendê-la, assim como se desmonta uma edificação ou um artefato qualquer para poder expor suas estruturas internas, suas nervuras e seu esqueleto. A esse processo constante de desvelamento de estruturas, nervos e esqueleto Derrida chamou de “desconstrução”.

Primeiramente, é preciso esclarecer que o termo não é inaugurado por Derrida. Ele já aparecia na trajetória inicial de Heidegger em seu projeto intitulado “destruição da metafísica”, que como afirma o professor Duque-Estrada

(...) nada tinha de destrutivo; pelo contrário, ele buscava libertar os conceitos que ao longo da tradição, haviam enrijecido, pelo hábito de sua transmissão, em estruturas semânticas estáveis, fazendo-os retornar a experiência originária de pensamento da qual haviam brotado. (...) Muito sinteticamente, Heidegger pretendia retomar a experiência do sentido do ser que caíra no esquecimento, no decorrer da tradição, com a progressiva adesão do pensamento ao sentido objetivo das coisas. (Duque-Estrada, 2007, p. 53.)

Originalmente, este projeto heideggeriano trazia o termo *Destruktion*, em alemão. Derrida percebeu que a tradução para o francês, *destruction*, traria inevitavelmente um sentido negativo, criando então o termo “desconstrução” (*deconstruction* em francês), para chegar à ideia de desmontagem. Apesar da semelhança genética do termo, o caminho traçado por Derrida foi distinto ao de Heidegger, o que traz a leitura derridariana uma soberania frente ao filósofo alemão. Uma das diferenças entre os dois pensadores é que para Derrida era impossível



(semi)novíssimos, ainda sem nome (CoMteMpu's), 2007, Wallace Nogueira fotografia.
Fonte: Arquivo CoMteMpu's. Salvador, Brasil.

restituir o pensamento originário das coisas, até porque a “retomada da origem é manter-se no pressuposto por excelência de toda metafísica” (Duque-Estrada, 2007, p.54).

Almejar chegar à origem seria uma tentativa frustrada de se chegar ao que deveria ser (como a tentativa de se chegar ao ideal e ao espírito, por exemplo) e não o que é. Por isso Derrida inaugura “a desconstrução da metafísica da presença”, por entender que toda origem carrega em si uma palavra, que por sua vez carrega já um sentido gerador do discurso. Toda palavra também carrega em si um arcabouço suportado de outras palavras, por sua vez carregadas de outras histórias como uma rede infundável. Buscar a origem, ou a essência, como a tão perseguida pela filosofia clássica, também já não era a questão, até porque, “origem” e “essência” também são palavras já carregadas de outros discursos.

Derrida também não buscava com a apresentação do seu princípio da desconstrução apontá-lo como um instrumento eficaz que findasse as contradições encontradas na metafísica tradicional. Tampouco se coloca imune e capaz de fugir às exigências da tradição a partir de um sistema próprio e autônomo. Ao contrário, ele reconhece que ainda é necessário não abandonar, pelo menos temporariamente, os mesmos conceitos considerados insustentáveis para gerar um diálogo crítico com eles.

Assim, o termo desconstrução não significa destruição ou demolição de conceitos e pensamentos tradicionais. Podemos inferir que a desconstrução, como proposta, é um processo de revelação que questiona a “estrutura interna” do discurso descobrindo o sintoma do campo cognitivo que Derrida chama de “logocentrismo”, carregado no inconsciente pela tradição. A desconstrução revelaria, portanto, questionamentos presentes nas estruturas internas, lacunas e discordâncias que sempre existiram, mas somente hoje explicitadas, para uma relocalização dessas estruturas até então definidas por formas, mas agora apresentadas de outra maneira sem definições sistemáticas.

Das características da desconstrução derridariana: o afrouxamento

A desconstrução tornou-se um posicionamento intelectual, altamente contestatório da hegemonia do pensamento estruturalista, unânime na França nos anos 60, com a publicação da obra de Derrida Gramatologia (1967) – um desafio a Lévi-Strauss e sua teoria da escritura, presente em Tristes Trópicos (1955).

Em Gramatologia, Derrida não faz refutação direta ao pensamento de Strauss. Ele o usa apenas como campo de observação e diálogo. Esse posicionamento revela uma das características mais importantes sobre a desconstrução derridariana a qual não se trata de um método ou crítica para reverter à oposição, como destaca Christopher Johnson em seu livro Derrida, a cena da escritura (2001):

Em vez de refutação direta, portanto, a desconstrução poderia ser descrita como uma forma de diálogo crítico, que usa os exemplos de casos particulares (aqui Lévi-Strauss) como sintomas de uma configuração ou estrutura mais geral. (Johnson, 2001, p. 47)

É nesse diálogo desmontável, e desvelador de esqueletos e nervos, que podemos afrouxar as estruturas internas para deslocá-la do “logocentrismo”, que Derrida entendia como sistema rígido de referência restrigente da compreensão. O “afrouxamento”, portanto, busca uma ampliação criativa de novas conexões de conhecimento com o mundo, sob um olhar ampliado e contínuo, ao invés da observação do fenômeno localizado e isolado, que para Derrida não se dá em uma definição sistemática.

A noção de “afrouxamento”, inevitavelmente, nos remete à imagem de uma estrutura tocável e movediça, em constante busca de reorganização. Sendo assim, essa compreensão nos

permite afirmar não ser possível entender a desconstrução como um “método”, pois esse entendimento retornaria à ideia de estrutura rígida remetente ao logocentrismo e à metafísica tradicional. Ao invés de encontrar um novo molde central, desconstruir se refere a uma ação contínua, conseqüentemente, afrouxada, diferente aos moldes já rigidamente encarnados.

A insistência contínua de um afrouxamento interno que não busca a formatação de um novo modelo revela, no discurso de Derrida, a sua capacidade de entender o conseqüente ressaltar da diferença, como caminho para o desvendamento de discursos contidos no logocentrismo que ultrapassa o próprio objeto inicial estudado, como reafirma Johnson:

Essa estratégia de dispersão lingüística poderia ser tida como característica central da desconstrução, que tenta circundar, se não transcender, o discurso essencializador da metafísica tradicional. (Johnson, 2001, p. 48).

Mesmo acreditando que o conhecimento, ainda que sistematicamente seccionado, se articula sob uma comunicação embaraçada, Derrida nos revela que essa comunicação ainda é operada sob os moldes do padrão referente: o logocentrismo – que para ele era o próprio mundo ocidental. Sendo assim, desconstruir agrega mudanças de paradigmas que reverberam em todo conhecimento humano, entendendo que esse fala a “despeito de”, para um possível descentramento do padrão.

Se para Derrida, o mundo ocidental seria o próprio logocentrismo, seria possível admitir que toda a nossa formação e configuração atual (social, política, histórica, científica, artística, intelectual, etc.) estariam enrijecidas aos padrões ocidentais, como se houvesse uma constante dependência entre a presença e o inconsciente ocidentalista encarnado. Ocidentalismo por sua vez carregado pelo histórico neo-euro-americano-colonizador-liberal, que criou padrões político-estético-culturais, também enrijecidos. Dessa forma, desconstruir passa ser uma responsabilidade para todas as áreas de conhecimento humano, tendo o afrouxamento como uma característica alargadora de fronteiras, que moldam o pensamento.

A Arte, fruto de um constante diálogo entre razão e inconsciente, ciente de sua condição política na sociedade, passa a ser o local fértil para o pensamento desconstrucionista. Nela desvelamos os nossos entendimentos internos (o logocentrismo) para a criação de terceiros objetos que ganham sentido e coexistem frente ao que já é presente sobre eles mesmos.

Na Dança, esse pensamento ganha corpo no próprio corpo humano, revelando discursos



Foto (Semi)
Divulgação
(CoMteMpu's),
2007, fotografia.
Wallace Nogueira
Fonte: Arquivo
CoMteMpu's.
Salvador, Brasil.

culturais encarnados (em esqueleto e nervos) a despeito dele mesmo e do que não é ele. A Dança cria infinitas perguntas contrastantes sob o mesmo corpo, segundo Foucault, fadado a sua existência social, ou a partir do pensamento derridariano, à sua presença social.

Sendo assim, o pensar a desconstrução em Dança estaria buscando lacunas para o que viria a ser chamado de proposição pós-colonial para o corpo e da própria Dança? Como desconstruir a Dança sem recair na construção de novos modelos?

Sob uma perspectiva desconstrucionista: a Dança Frouxa

Muitos estudos em dança contemporânea vêm se dedicando à investigação do pensar-fazer estético da Dança e sua relação com os novos paradigmas da contemporaneidade, destacando e reconhecendo seus padrões. Entre tantos outros paradigmas recorrentes, podemos destacar a instauração das dúvidas e a constituição de um pensamento complexo coreográfico. Com

isso a Dança já não se sustentaria pela execução mecânica de bem-fazeres técnico-expressivos corporais. A Dança assumiria o desafio da revelação, a partir do questionamento da lógica e da dialógica de sua própria estrutura interna: que elementos definem uma coreografia? Qual o papel do coreógrafo, então? Há uma técnica eficiente e segura para preparação do dançarino? O que é Dança? Enfim, surgem infinitos questionamentos e não menos infinitos caminhos para que os pesquisadores da dança se debrucem em suas investigações. Felizmente a dança não está mais segura e embarca no seu processo de desconstrução.

Para tanto, a coreografia desconstrucionista não destrói os modelos da dança clássica e moderna, criados pelas escolas euro-americanas. Ao contrário, necessita deles para construir um diálogo crítico capaz de produzir um olhar ampliado e contínuo daqueles modelos localizados no tempo e isolado dos anseios e interesses do mundo atual. Essa proposta geradora de estranhezas aos códigos tradicionais é desveladora dos fenômenos do afrouxamento e do descentramento, já indicados por Derrida em seu pensamento desconstrucionista, tanto para o corpo que dança quanto para a criação coreográfica.

Esses questionamentos sobre a desconstrução em dança vêm sendo aprimorados por mim junto ao Grupo CoMteMpu's – Linguagens do Corpo, criado e residente em Salvador-Ba, desde 2005, cujas práticas artísticas, aliadas à teoria, suscitaram a criação do termo "Dança Frouxa": um pensar-fazer afrouxado de co-criação coreográfica desenvolvido a partir de estudos de acasos, improvisação e autonomia para o corpo que dança. Engendrado nesse pensar-fazer, o CoMteMpu's chamou de "Zeza" o corpo que atua nesse sistema.

O Zeza seria um estado comportamental subversivo provocador de uma aparente ação indolente, relaxada e que por muitas vezes soa como mais um dos comportamentos que se espera: adere a tudo, e se mostra, sim, como um complexo dadaísta, ou uma lógica embaralhada. O Zeza pode ser apático, antipático, agradável, bobalhão, esperto e ágil. Cria simulacros para sobreviver (ou se safar) e manter seu eterno estado de provocação (ou sabotagem).

Trata-se de uma postura artístico-político-cotidiana. Suas ações estão presentes em obras artísticas, no cenário político da Dança na cidade de Salvador e nas suas relações de convivência diárias, criando porosidades entre arte e vida. Trata-se de proposta para um corpo em desafio contínuo, uma vez que se quebram regras, cumprem-se funções prontamente e se é movido por desejos temporários. Essa proposta de pensamento para o corpo, em cena,



Out-doors 1
(CoMteMpu's),
2008, fotografia.
Juan David Ramirez
Fonte: Festival de
Performance de
Cali. Santiago de
Cali, Colômbia.

provoca deslocamentos no pensar-fazer coreográfico configurando o que vem a ser a “Dança Frouxa”; um sistema em Dança afrouxado e descentralizador que dá ao Zeza um recorrente estado de desafio.

Uma imagem interessante e ilustrativa para esse corpo em estado de desafio é o “tropeço”: um tropeço na rua por haver um buraco, por se chocar com outro corpo que passa (e esse choque pode ser proposital ou não), por um descuido desse próprio tropeçante, ou por uma autoprovação. De qualquer forma, nesse instante do tropeço é necessário haver uma reorganização para manutenção desse sistema. É nesse resolver instável que torna um tropeço incidental em dança: uma Dança Frouxa. Uma Dança Frouxa como um fazer político de dança que descentraliza os rumos da obra criando um sistema de corresponsabilidade entre as partes que a compõem. Uma atitude ao sabor de desejos transitórios e de sabotagens internas, que inclusive podem mudar uma própria definição futura da Dança Frouxa, retroalimentando conceitos e atitudes, criando um sistema infindo de atualização e manutenção.

A partir de entendimentos compartilhados sobre um propósito estético, os Zezas estabelecem

regras comuns que os orientam na construção da dança, mas que podem ser quebradas, provocando situações emergentes no momento da ação cênica. Essas quebras de regras podem acontecer por instabilidade de elementos da própria obra (público, cenário, figurino, trilha sonora, etc.) ou pelo desejo de provocação incidental de um Zeza qualquer, como num propósito de sabotagem.

Aqui o termo sabotagem não deve ser entendido como um movimento para impedir a ignição de um sistema, mas como uma provocação para o estado de alerta de um jogo, acordado por todos os Zezas. Trata-se da ciente possibilidade de qualquer elemento da coreografia ser deslocado por algum Zeza, de forma imediata. Se isso não acontecer por uma ação do outro, é necessária uma atitude proativa individual, mantendo-se assim o ar instável no corpo e na dança. Tal instabilidade provocada e ciente faz o convite à dança para a manutenção de em eterno estado de corda bamba, num processo de diálogo crítico permanente, ao sabor do risco do estado “frouxo”, descentralizador de referenciais e padrões, que por sua vez dá também à Dança um caminho para um possível exercício de pensar-fazer pós-colonial.

Para tanto, é importante não confundir afrouxamento com libertinagem ou displicência sem propósito. Para enfrentar esse desafio cabe entendê-lo com certa “frouxosa” postura, sendo fiel aos propósitos e não simplesmente mantendo-se em estado de inércia, deixando que os rumos se afrouxem sozinhos.

Também é necessário perceber que certos pensamentos tradicionais já estão encarnados e por vezes nos soam como irrelevantes. É preciso uma análise minuciosa de discursos entrelinhas, ocultados pelo costume da tradição, sabidamente colocados pela literatura, pela presença de imagens e signos cotidianos, e, conseqüentemente, pelo próprio pensamento do quem vem a ser “Dança”, para o reforço de uma sociedade distanciada. Assim, o exercício de reflexão, transcendência e autodesconstrução contínua é fundamental para uma possível proposta pós-colonial.

Por isso, essa proposta desconstrucionista em Dança, que venho pensando e aplicando, substanciada em Dança Frouxa e o Zeza, junto ao CoMteMpu’s, é acima de tudo uma postura política responsável do presente. É uma escolha por rever estruturas, as quais, por vezes, já nos soam como incontestáveis, mas somente contribuem para manutenção de um sistema congelado e retroalimentador, sustentado por padrões colonizados presentes na sociedade, e, sobretudo, na Dança. Essa postura oportuniza um olhar ampliado e autônomo para a coreografia

e o corpo que dança, criando uma linguagem estética subversiva à lógica tradicional.

Àqueles que buscam partir para esse desafio do afrouxamento é importante saber que essa proposta não busca reforçar ao que se vem chamando comumente de dança contemporânea, no que se refere a sua configuração de estilo ou linhagem. Da mesma forma, não busca a criação de um novo campo estilístico – porque, se assim o fosse, se estaria mais uma vez em busca de um novo padrão estético. O afrouxamento na Dança, aqui entendido como Dança Frouxa e Zeza, propõe uma reflexão sobre a linguagem que se configura como Dança, que mesmo imersa nos paradigmas e pressupostos da contemporaneidade, não se aprisiona em um estilo ou modelo recorrente.

Assim, poderemos descentralizar padrões tradicionais, num desafio à busca de outros possíveis entendimentos e organizações de esqueletos e nervuras da Dança, partindo-se para um pensar-fazer estético-político afrouxado.

Referências

Andrade, S. P.; Lobato, L. F. (2008). Derrida e a Perspectiva Desconstrucionista do Padrão da Dança. Artigo publicado pela ABRACE. Belo Horizonte: disponível no site www.portalabrace.org.

Derrida, J. (1973). Gramatologia. São Paulo: Perspectiva/Editora da Universidade de São Paulo.

Duque-Estrada, P. C. (2007). Desconstrução e incondicional responsabilidade. In: Revista CULT - Dossiê: Psicanálise, linguagem, justiça, arquitetura e desconstrução na obra de Jacques Derrida. Deyse Bregantini (Ed.). São Paulo: Bragantini, p. 53-55.

Filho, J. S. (2007). Derrida e a defesa da honra da razão. In: Revista CULT - Dossiê: Psicanálise, linguagem, justiça, arquitetura e desconstrução na obra de Jacques Derrida. Deyse Bregantini (Ed.). São Paulo: Bragantini, p. 41-43.

Geertz, C. (2006). O Saber Local, Novos Ensaios em Antropologia Interpretativa. Rio de Janeiro: Ed. Vozes.

Johnson, C. (2001). Derrida, A cena da escritura. São Paulo: UNESP.

Lechte, J. (2003). 50 Pensadores Contemporâneos Essenciais: do estruturalismo à pós-modernidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil Ltda.

Silva, E. R. (2005). Dança e Pós-Modernidade. Salvador: Editora da Universidade Federal da Bahia – EDUFBA.